

ADRs dominam bolsas no exterior

Da mesma forma que os bancos brasileiros ocupam papel de destaque entre as 25 maiores instituições financeiras no ranking internacional por valor de mercado (conforme mostramos em artigo anterior – de Março/2008), os ADRs das empresas brasileiras estão fazendo a festa em New York, apesar da crise do mercado imobiliário subprime, iniciada a partir do 2º semestre de 2007.

Nunca o interesse dos grandes investidores dos EUA por ações de companhias do Brasil foi tão alto como em 2007. O volume de negócios com ADRs (American Depositary Receipts - recibos listados nas bolsas americanas que representam ações das companhias estrangeiras) do Brasil dobrou no ano passado e bateu em US\$ 553 bilhões, o mais alto já registrado, segundo levantamento do Bank of New York Mellon. O volume de operações de 2007 foi equivalente aos negócios dos seis anos anteriores somados.

O Brasil já é responsável por 15% das operações na Nyse - New York Stock Exchange entre os países com ADRs listados, subindo para o 2º lugar no ranking, atrás apenas do Canadá e superando países como China, Inglaterra e França. Os ADRs da Vale e da Petrobrás, com mais de US\$ 100 bilhões em negócios cada um em 2007, foram as empresas líderes em operações na Nyse, superando os mais de 400 papéis do mundo todo listados lá.

Fatores do sucesso - Os especialistas apontam vários fatores para explicar o sucesso dos papéis brasileiros em New York. O primeiro é a queda dos juros, tanto nos EUA quanto na Europa, que levou os investidores, em tempos de liquidez em alta no mercado internacional, a buscar investimentos mais rentáveis. Assim, papéis de países como o Brasil, considerados mais arriscados (e por isso tendem a ser mais rentáveis) viraram a bola da vez. A rentabilidade média dos ADRs brasileiros ficou em nada menos que 77% em 2007, com alguns papéis como a Companhia Siderúrgica Nacional (CSN) e a Vale subindo mais de 100%; os da Aracruz Celulose subiram 62%. No mesmo período, os ADRs de empresas européias avançaram apenas 12% e os da Ásia, 5%. O Dow Jones, principal índice da Nyse, valorizou 6,4%.

Outro fator é o avanço da economia bra-



sileira. “A estabilidade da economia permite que as empresas se modernizem e se capitalizem, atraindo os investidores”. Assim, não foi só em New York que os negócios com papéis de empresas brasileiras cresceram. Na Bovespa, houve aumento de 100% no volume de operações em 2007, para R\$ 1,2 trilhão. E o valor de mercado das 404 empresas com ações nela listadas atingiu R\$ 2,48 trilhões, exibindo crescimento de 60,4% sobre 2006, com os negócios impulsionados por uma enxurrada de aberturas de capital. Os setores de atividade com maior valor de mercado em 2007 foram: Instituições Financeiras, com R\$ 473,7 bilhões (19,1% do total); Petróleo, Gás e Biocombustíveis, R\$ 437,2 bilhões (17,6%); Mineração, R\$ 291,7 bilhões (11,8%); Energia Elétrica, R\$ 182,0 bilhões (7,3%); e Alimentos, R\$ 178,2 bilhões (7,2%).

Liderança mundial – Por sua vez, os Depositary Receipts (DRs) - papéis de companhias estrangeiras listados em Bolsas principalmente dos EUA, Luxemburgo e Inglaterra movimentaram US\$ 3,3 trilhões no mundo, alta de 72%, também segundo relatório do Bank of New York Mellon, um dos maiores depositários mundiais destes programas.

De acordo com o documento, Brasil, China, Rússia e Índia (os chamados BRICs) são apontados como os principais responsáveis por esse desempenho, respondendo por metade do volume mundial de negócios com DRs. Os papéis subiram em média 13%, batendo pelo sexto ano consecutivo o desempenho das Bolsas de Valores dos EUA.

Na busca por maior rentabilidade, tem aumentado o investimento dos americanos em empresas não-americanas. No ano passado, até Setembro, o estoque das aplicações chegou em US\$ 4,9 trilhões, um aumento de 29% em relação ao mesmo período de 2006. Além da valorização dos papéis, o crescimento é explicado pelo fluxo de novos recursos, que somaram US\$ 193 bilhões em valores líquidos, um recorde. Do total de DRs negociados no mundo, a grande maioria, US\$ 2,8 trilhões, se concentra nas Bolsas americanas. Em termos de captação de recursos, 26 países completaram 135 ofertas públicas, que levantaram US\$ 50,5 bilhões em 2007, alta de 25%.

Por exemplo, no mês de Outubro, após a crise dos subprime, o volume de negócios com ADRs de empresas brasileiras negociados na Bolsa de New York atingiu o volume recorde de US\$ 70,4 bilhões, dobrando a média mensal em relação ao início do ano. Os papéis da Vale movimentaram US\$ 26,6 bilhões e a Petrobrás US\$ 20,2 bilhões ficando à frente de outras gigantes mundiais, como a finlandesa de telefones móveis Nokia (US\$ 13,4 bilhões), a PetroChina (US\$ 11 bilhões) e a mineradora anglo-australiana BHP Billiton (US\$ 9,1 bilhões). O Unibanco movimentou US\$ 4,9 bilhões e ficou em décimo lugar do ranking.

Segundo os experts, o crescimento dos negócios com papéis de empresas brasileiras também reflete a combinação de elevação dos preços das commodities no mercado internacional (o que teria relação direta com as operações com papéis da Vale e da Petrobrás) e o crescente interesse dos investidores pela diversificação de portfólios, especialmente com papéis dos BRIC (Brasil, Rússia, China e Índia). As empresas desses países têm seis dos dez ADR mais negociados em New York. E essa tendência deve continuar.

■ **Ney Castro Alves**, Advogado, é presidente da Theca CCTVM, presidente da Aeval e da Fenadistri, membro dos Conselhos Administrativos da CNF e da Ancor, membro do Conselho Consultivo da BM&F e membro suplente do CRSFN – Conselho de Recursos do Sistema Financeiro Nacional neyalves@theca.com.br